

O desdobramento do tempo em Plotino: contribuição à compreensão do sistema neoplatônico em Cirne Lima

The breakdown of the time in Plotinus: contribution to the understanding of the neoplatonic's system in Cirne Lima

Marivelto Leite Xavier

mariveltoemonica@yahoo.com.br

Mestre em Filosofia pela UNISINOS é professor do SEDAC (Studium Eclesiástico Dom Aquino Corrêa em Várzea Grande-MT); FID (Faculdades Integradas de Diamantino-MT); UNED (Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas de Diamantino-MT)

Resumo

Neste artigo pretendemos expor uma interpretação da teoria plotiniana do tempo, analisando os aspectos ontológicos dessa teoria. São explicitados os elementos constitutivos do tempo: memória, eternidade e êxtase. O artigo mostra que, interpretada dessa forma, a análise do tempo poderá contribuir para o esclarecimento do sistema neoplatônico em Cirne Lima.

Palavras-chave: Tempo; eternidade; memória; êxtase.

Abstract

In this paper we intend to present an interpretation of the Plotinian's theory of time, examining the ontological aspects of this theory. Elements of time such memory, time, eternity and ecstasy are explained. The article shows that, interpreted in this way, the time's analysis may contribute to clarify neoplatonic's system in Cirne Lima.

Key words: Time; eternity; memory; ecstasy.

Introdução

A crise da razão moderna, isto é, modernidade, lançou o Ocidente em uma era de angústia e de busca pelo conhecer a si mesmo. De fato, assistimos ao irreversível processo de modalização do tempo centrado no privilégio do presente. Tal processo provoca, aliás, uma "tensão dramática entre a regularidade do tempo físico na precisão infinitesimal da sua medida e a aceleração do tempo histórico, a irrupção do novo na rotina do presente" (2002, p. 14).

Daqui se segue a tenebrosa face amorfa do tempo atual que se quer dizer pós-moderno. Tempo percebido, por um lado, pelo espriar-se do niilismo, ou seja, "pela perda do domínio presente como instância crítica para a avaliação do tempo histórico" (2002, p. 14). Destarte, predomina uma crítica sofística a tradição como recipiente inerte sem nenhuma contribuição ao contemporâneo. De outro lado, uma intrépida indiferença do futuro, visto como indecifrável enigma. Ao repudiar o passado e desesperar-se do futuro, a reflexão niilista abandona-se a si mesma em um melancólico presente.

Em seu livro, no qual busca reconstruir o sistema neoplatônico de filosofia, Cirne Lima confronta-se com a pós-modernidade e, diante das interpelações contemporâneas, indica o tempo como "imagem da eternidade" (2000, p. 221).

Neste artigo pretendemos expor sinteticamente a noção do tempo neoplatônico. Consideramos que a tentativa de reconstrução do sistema neoplatônico empreendida por Cirne Lima emprega, em sua noção de tempo presente, características fundamentais do pensamento plotiniano. Acreditamos ser legítima essa idéia na noção do tempo como imagem da eternidade. E como transcendência uma grande contribuição à reflexão contemporânea. É sempre um risco para o pensamento buscar na reflexão da memória sua própria forma. É a fineza dessa teoria que nos faz correr esse risco.

O desdobramento do tempo em Platão e Aristóteles

Para Platão, o tempo é uma "transitória tangência do eterno no temporal" (2001, p. 233). Em movimento circular determinado por números da astronomia, o tempo deve ser a melhor cópia do tempo original (eternidade) como *mimesis*. Trata-se do tempo enquanto "imagem movente do eterno imutável que uma vez percebida, logo escapa, numa espécie de êxtase, que não dura mais que um piscar de olhos" (1998, p, 156).

Diferente de Platão, Aristóteles não entende o tempo como uma relação com a eternidade. Cada momento é como um "ponto médio"¹ superior entre o tempo passado e o futuro. Uma forma interior do processo de vir-a-ser de cada existência.

Por outro lado, o tempo superior (eternidade) é a medida compreendida de todo tempo mínimo do existente. Medida que em relação à eternidade, é encontrada nas revolução dos céus como movimento constante, mas transcende o processo de nascimento e morte e é, portanto, eterno. Cada "ponto mediano" será, destarte, uma vaga lembrança da eternidade.

Poder-se-ia interpelar: Como e de que forma o movimento se torna existência? A resposta está na falsa idéia de Platão sobre o *eros*: "A eternidade (Deus) move a esfera, e desse modo tudo com ele, como um amado desejado pelo objeto (Uno)" (1967, p. 20).

Em Plotino, a pergunta será adequadamente formulada, pois, somente no retorno ao primeiro princípio, que se faz por conhecimento e amor, é que o homem se torna completamente homem e adquire sua dignidade máxima.

Tempo: imagem da eternidade em Plotino

¹ BALTHASAR, H. U. Von. *The God Question and Modern Man*. New York: Seabury, 1967, p. 20.

Plotino formulará, a partir da herança de ambos os filósofos, Platão e Aristóteles, a pergunta: "Qual movimento foi causa da distância entre o tempo e eternidade?" (1967, p. 2).

Desse modo, suprassume adequadamente o discurso da cópia platônica e do eterno movimento do imóvel Aristotélico. Em um dos tratados mais célebres das *Enéadas*: sobre a liberdade e a vontade do Uno (2000), Plotino começa com uma minuciosa descrição do livre arbítrio, inspirada na *Ética a Nicômaco* aristotélica². A finalidade de Plotino, ao longo do difícil discurso acerca das hipóteses do Uno é "atribuir à eternidade (*Uno-Bem*) vontade e liberdade absolutas, pois somente ele é ele mesmo (*autòs*), ao passo que tudo mais é o mesmo e outro. Toda alteridade é, portanto, excluída da liberdade absoluta enquanto idêntica ao bem" (2002, p. 118-119).

A maior parte dos estudiosos vê na concepção plotiniana da liberdade do "ser enquanto ser" (2002, p. 59-71) uma decisiva ruptura com a ontologia greco-clássica. Essa tinha como pergunta fundamental a questão: *Ti est; quid est?* ou substância *Tís he ousía*³. Pressupõe uma ordenação do *kósmos* conforme o paradigma platônico da *mimesis* ou do eterno movimento imóvel aristotélico. Por outro lado, Plotino dirige-se à questão acerca da própria natureza do existir dos existentes.

Ora, o existir em Plotino é a pura atividade da liberdade absoluta, *causa sui*. Princípio naturalmente racional dos existentes. Elevado, de modo ascético ao cume da expressão de um amor intelectual em Plotino, o *eros* grego manifesta-se como o existir (*to Einai*) no infinitivo⁴ no mais recôndito silêncio da lembrança do existente. A autofundamentação do Uno como existir (*to êinai*) é como um mergulho da alma no vazio, buscando autonomia, fazendo do tempo uma "imagem da eternidade" (2000, p. 221).

Nesse ponto, Plotino suprassume seu mestre Platão novamente: "A alma divaga dentro do vazio como a atividade distanciadora de si mesma (emanações) procurando independência, e que faz do tempo uma imagem da eternidade" (1967, p. 21).

A fugacidade do tempo

Para Plotino, é na alma que percebemos o tempo. Ela está em relação a ele como uma "potência desassossegada" (2000, p. 220-221), ou seja, a "alma inferior" (2000, p. 222). Essa potência da alma desejosa de estar sempre transferindo a outra coisa – ou seja, à matéria – "emana"⁵ de si mesma a "multiplicidade de seres do mundo existente" (2006, p. 34). Denominamos "essa potência inferior da alma como imaginação" (1990, p. 45).

² [En. VI, tr. 8 (39)] em LIMA VAZ. H. C. *Raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 118.

³ Trata-se da pergunta ontológica. Ver LIMA VAZ, H.C. *Raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 59-71; 119.

⁴ O limite extremo desse paradigma foi atingido pelo neoplatonismo e, como mostrou Pierre Hadot, particularmente por Porfírio, comentador de Parmênides, ao nomear o Princípio Supremo, o Uno, com o infinitivo *tó einai*, o existir. Ver LIMA VAZ, H. C. *Raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 59-71.

⁵ Por emanação Plotino entendia quase que "prolongamento" ou "expansão" do Uno. BUSSOLA, Carlos. *Plotino: a alma no tempo*. Vitória/ES: FCAA, 1990, p. 41.

A alma deverá desse modo, realizar o titânico esforço de retornar ao Uno num movimento circular de esferas submetidas à dimensão vertical do tempo desontologizado⁶ em um desejo ascendente. Essas sucessões de sensações produzem o devir e, em última análise, o tempo. Desse modo, Plotino explica o fenômeno tempo e sua origem como um desejo ascendente de voltar:

Ser Belo, portanto, segundo Platão e os neoplatônicos, é tentar subir a escada dos seres de menor perfeição, até ficar o mais próximo possível do Bem e do Belo - ou o Uno (CIRNE LIMA, 2006, p. 135).

Plotino encerra o tempo como "a distância existencial entre queda e retorno, mas distância dentro do mesmo tempo contínuo" (2002, p. 59-71). Rejeitando qualquer idéia de "criação como uma livre posição do outro" (1967, p. 21).

É exatamente essa distância existencial inteligível do *eros* imanente como identidade dentro de uma mesma continuidade que, para o neoplatonismo, nos permite amar:

Amar é deixar para trás, superados, os degraus inferiores de nosso ser, e alcançando vôo para o Bem e o Belo, para a Idéia Absoluta, identificarmos espiritualmente com o primeiro princípio. (CIRNE LIMA, 2006, p. 178)

Por conseguinte, "o amor é um movimento da inteligência" (2000, p. 205). O tempo é movido por essa inteligência, de modo que, para Plotino, "tempo é basicamente a medida de uma distância do Uno - da alienação ao retorno (1967, p. 23).

Mas será como "êx-tase" (2000, p. 193) que o tempo percebido adquirirá finalmente a plenitude de eternidade, significa dizer "*omniperfecto em acto*", "*unimúltiple*" e "*omnisimultanea*" (2000, p. 193).

Eternidade e êxtase

A eternidade percebida como "existência extática" (1967, p. 23) é, sobretudo, uma experiência mística. Um amor transcendente-imanente aos existentes, ou seja:

[...] finalmente, Deus. Não aquele Deus de católicos e protestantes, no qual transcendência e imanência são inversamente proporcionais, mas o Deus imanente dos místicos, como Meister Eckhart, Jacob Böhme e tantos outros, o Deus do panenteísmo. Meister Eckhart encontrava Deus em todas as coisas, nas pequenas e nas grandes. No mosquito que o incomodava e na imensidão

⁶ Neologismo Vaziano. Ver LIMA VAZ, H. C. *Raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 277.

do céu cheio de estrelas, Deus está em ambos, pois tudo é divino e Deus está em tudo. Assim, o próprio Universo é divino, sim, é Deus, pois como Idéia Absoluta ele vibra, ele vive, ele conhece, ele ama e assim engendra a si. (CIRNE LIMA, 2006, p. 178)

Desse modo, aquilo que entendemos como tempo centrado no privilégio do "presente manifesta-se plenamente como a eternidade" (2000, p. 202).

O êxtase místico, não é um estado trivial, passível de ser percebido em meio à banalidade do tédio do presente pós-moderno. Pelo contrário, Plotino mesmo definia o êxtase como um estado de difícil acesso, poucas vezes Plotino usufrui deste - mas foi o suficiente para saber que seu caminho filosófico estava certo. Plotino não dá grandes explicações do que seja o êxtase; ele o tratava como um "fenômeno somente possível de explicação ao iniciado" (1990, p. 47).

O desdobramento do tempo no neoplatonismo mostra-se como um "sistema aberto, monista e, sobretudo, essencialmente espiritual" (2006, p. 277). Portanto, é um sistema aberto à transcendência. Acreditamos ser esta a grande contribuição da reconstrução do sistema neoplatônico em Cirne Lima.

Referências

- BALTHASAR, H. U Von. 1967. *A theological anthropology*. New York, [s/e] 650 p.
- BUSSOLA, C. 1990. *Plotino: a alma no tempo*. Vitória-ES: FCAA, 138 p.
- CIRNE LIMA, C. 2006. *Depois de Hegel: uma reconstrução crítica do sistema neoplatônico*. Caxias do Sul/RS: Educs, 183 p.
- CIRNE LIMA, C. 2000. Plotino – o uno e o múltiplo. *Revista Filosofia*, v. 1, n. 1, p. 23-52.
- GILSON, E. 1998. *A filosofia na idade média*. São Paulo: Martins Fontes. 949 p.
- LIMA VAZ, H. C. 2002. *Escritos de filosofia VII, raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola. 286 p.
- PLOTINO. 2000. *Enéada III*. Madrid: Bréhier. 347 p.